

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

**O CORPO SOBRE O FIO DA ANGÚSTIA: REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE O
ESTATUTO DO CORPO NA CLÍNICA PSICANALÍTICA.**

NADJA NARA BARBOSA PINHEIRO

Psicanalista, Professora Adjunto do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Paraná. Doutora em Psicologia Clínica pela Puc-Rio. Vice-coordenadora do Laboratório de Psicanálise da UFPR.. e-mail: nadjanbp@ufpr.br

VINICIUS ANCIÃES DARRIBA

Psicanalista, Professor Adjunto do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Paraná. Doutor em Teoria Psicanalítica pela UFRJ. Coordenador do Laboratório de Psicanálise da UFPR.. e-mail: vdarriba@ufpr.br

Resumo: O sofrimento expresso por meio do corpo vem propondo desafios teóricos e clínicos à psicanálise. Objetivando melhor compreender o estatuto do corpo na clínica, o presente trabalho focaliza as considerações alicerçadas por Freud a respeito da angústia, tomando-a como índice da indissociabilidade entre o corpo e o psíquico. Parte da definição de neurose de angústia, proposta por Freud, para tematizar e entrelaçar o corpo, o sexual e a própria angústia, tais como foram sendo concebidos ao longo da obra freudiana. Finaliza apresentando uma proposta de direção clínica: se na clínica das neuroses opera-se o desvelamento do sentido inconsciente dos sintomas, a clínica do corpo, demanda a possibilidade de se incluir algo que se refere a um além do psíquico que pela via da angústia aí intervém.

Palavras-chave: corpo, angústia; clínica psicanalítica.

**FROM BODY TO ANGUISH: THEORETICAL REFLECTIONS ON BODY'S STATUS AT
PSYCHOANALITICAL CLINIC.**

Abstract: Some clinical and theoretical challenges to psychoanalysis have been being imposed by a specific kind of suffering: those which are expressed by body. For this reason, the present paper aims to reach a further understanding on body's status at psychoanalytical clinic. Thus, it focus Freud's concept of anguish since we could take it as the signal of the inseparability between body and psychic apparatus. It starts by presenting Freud's conception on anguish neuroses to discuss three notions developed trough out Freudian work: body, sexual and anguish itself. It ends by proposing a clinical direction: if the clinical work with neuroses points to the possibility of unveiling symptom's unconscious meaning, the clinical work with body's suffering demands the possibility of including on clinical space something which is referred to a 'far beyond' of psychic apparatus. Something that psychic apparatus could only be notified of by anguish intervention.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

Keywords: body, anguish; psychoanalytical clinic.

Introdução

De inúmeras perspectivas e lugares teóricos e epistemológicos diversos recebemos contribuições importantes para pensarmos a questão do corpo na sociedade ocidental contemporânea. Trata-se de atravessamentos de saberes e proposições que trançam e constituem campos diferenciados que alicerçam uma composição caleidoscópica sobre o plano corporal.

Nesse sentido, Michel Foucault, em seu clássico livro *Vigiar e Punir*, nos chama a atenção para o lugar central que o corpo passa a ocupar na modernidade como objeto sobre o qual os dispositivos de controle disciplinar exercem seu poder de modelação, manipulação, edificação, lapidação, visando a constituição de *corpos dóceis e úteis* aos propósitos sociais. Com isso, observa o autor, não apenas o corpo se torna adaptado e controlado, mas processa-se o aprisionamento das *almas* por meio de formas sutis, imperceptíveis, microscópicas, invisíveis, quase silenciosas de técnicas múltiplas. (FOUCAULT, 2002)

A partir de um prisma de interpretação diverso, Baudrillard, em *Sociedade de Consumo*, nos apresenta uma interessante análise sobre o lugar assumido pelo corpo nas sociedades contemporâneas. Em sua opinião, o corpo se torna, nas sociedades de consumo, o último reduto sobre o qual a publicidade, em seu afã para impor a lógica mercadológica do consumo, insere formas diversas de manipulação que visam, sobretudo, inserir a idéia de que através do consumo exacerbado, fugaz e passageiro conquista-se a tão almejada felicidade. Por meio dessa manipulação modelar, a superficialidade corporal se converte no lugar privilegiado sobre o qual a maquinaria mercadológica se exerce, tornando-o simultaneamente instrumento através do qual a subjetividade de expressa. Lugar pelo qual,



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

em sua superficialidade, se poderá *ler* quem se é: jovem, belo, saudável, rico... ou não.(BAUDRILLARD, 1981)

De forma coincidente, o exercício da clínica psicanalítica vem nos demonstrando que o corpo se converte, atualmente, em um lugar privilegiado para a expressividade do sofrimento humano: toxicomanias, síndrome do pânico, adoecimentos psicossomáticos, dissociações, etc. O que podemos observar e sublinhar marcadamente é a existência de uma gama enorme de padecimentos que se expressam através do corpo e que nos demandam por entendimento teórico e manejo clínico. Partindo desse desafio, propomos para entender o estatuto do corpo na clínica utilizar, como paradigma, as considerações alicerçadas por Freud, ao longo de sua obra, sobre a angústia tomando-a como afeto primordial, como índice da irreducibilidade de se equacionar o mal-estar na cultura.

Nosso objetivo, ao refletirmos sobre a questão da angústia, será o de procurarmos apresentar como o autor foi trilhando caminhos paradoxais e contraditórios em relação ao estatuto do corpo na constituição da subjetividade para podermos situar, a partir daí, as possibilidades de transformação do sofrimento, na clínica. Para construirmos nossa trajetória no presente artigo, partiremos da definição de neurose de angústia proposta por Freud, em seus primeiros ensaios teórico-clínicos, para problematizar três conceitos por ela convocados: o sexual, o corpo e a própria angústia. Para tal, ampliaremos o escopo da discussão para os desdobramentos a que tais conceitos são submetidos no conjunto da obra de Freud. Será através dessa visada mais abrangente que re-encontraremos, ao final do presente trabalho, a questão do corpo na clínica no que a particulariza a perspectiva psicanalítica.

Sobre o sexual

Iniciando pela questão do sexual, Freud nos apresenta, em sua definição de neurose de angústia, a idéia de uma excitação sexual somática que, ao não se tornar psíquica, não é



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

elaborada. Partindo de suas observações clínicas, o autor nos anuncia seus argumentos da seguinte forma: “... todas essas indicações levam-nos a esperar que o mecanismo da neurose de angústia deva ser buscado numa deflexão da excitação sexual somática da esfera psíquica e no conseqüente emprego anormal dessa excitação.” (FREUD, 1895[1894], p. 109)

O problema do qual partiremos diz respeito ao que tal enunciado estabelece. Isto é, a idéia de uma excitação que, sem se inscrever psiquicamente, é designada como sexual. Ou seja, Freud estaria se referindo aqui a uma excitação que pode ser qualificada como sexual independentemente de sua inscrição no psíquico. Esta excitação sexual, na neurose de angústia, justamente não passa pelo psíquico, produzindo seu efeito patogênico. A dificuldade em relação a esta idéia surge quando pensamos na associação que aparece entre o psíquico e o sexual, a partir do momento em que este último passa a ter o estatuto de conceito na obra de Freud. O sexual, a partir dos textos que compõem a metapsicologia, será entendido não como algo a ganhar realidade psíquica, mas como a própria realidade psíquica.

Fazendo retroagir Freud por oposição a Freud, teríamos que reformular a definição de neurose de angústia nos seguintes termos: trata-se de uma excitação que não se inscreveu no campo do sexual (do psíquico). Mas como não se trata de uniformizar Freud, podemos entender que, no conjunto de sua obra constituída posteriormente aos primeiros ensaios teóricos, o conceito de sexual só pode ser pensado como sendo exatamente aquilo que delimita e especifica o registro psíquico. Porém, ao formular sua concepção sobre a etiologia da neurose de angústia, especificamente, ele designa pelo termo sexual algo da ordem de uma exterioridade ao psíquico.

Destacamos aqui duas questões que nos são impostas pela definição de neurose de angústia proposta por Freud. Primeiro, ao propor um fator etiológico não psíquico, que se torna patogênico justamente porque não logra se tornar psíquico, como designá-lo? Como



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

vimos anteriormente, um dos nomes de que Freud lança mão é, portanto, sexual. Porém, encontramos em seus textos um outro nome utilizado pelo autor, do qual nos ocuparemos em seguida: o somático.

Em segundo lugar, tal definição etiológica nos força a pensarmos em um registro além (ou aquém) do plano psíquico, o qual, no entanto, é capaz de produzir, sobre este, efeitos específicos. Debruçar-nos-emos sobre essa discussão mais adiante, quando discutirmos de forma mais detalhada a questão da angústia.

Sobre o corpo

O qualificativo *somático* diz respeito ao corpo. Quando Freud se refere a uma excitação somática, pensamos, então, na idéia de um corpo. Se na neurose de angústia, esta excitação somática não adentra a esfera psíquica, vemos ser delimitada uma noção de corpo independente do psíquico. O problema aqui é semelhante ao que discutimos acima. Se avançamos na obra de Freud – mantendo-nos em sua conceituação do sexual ou chegando à discussão em torno do conceito de narcisismo – encontramos concepções de corpo que se distanciam da possibilidade de pensá-lo independente de um trabalho psíquico. Concepções sobre o corpo que nos são bastante familiares, como as de corpo erógeno ou corpo unificado, remetem, cada uma a seu modo, a uma constituição psíquica.

Encontramos aqui, então, um interessante impasse em relação à questão do corpo. Por um lado, em alguns textos encontramos a idéia de um corpo indissociável do plano psíquico. Porém, em outros estudos, Freud nos apresenta uma referência ao corpo como o que é exterior ao psíquico. Sem tentar superar o paradoxo, vejamos onde nos leva o diálogo entre a definição de neurose de angústia com o que a obra de Freud avança posteriormente no que diz respeito à questão do corpo.

No texto sobre o narcisismo, o corpo unificado aparece como consequência da incidência da libido sobre o corpo fragmentado do auto-erotismo (FREUD, 1914, p.93). Ou



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

seja, é o sexual que unifica o corpo. Podemos trazer para essa discussão a angústia, associando-a, nestes termos, à ameaça ao que o sexual uniu. A angústia, antes identificada por Freud a um sexual somático que não passa pelo psíquico, diria respeito agora a uma disjunção entre o corpo (somático) e o sexual (psíquico). Ameaçando-o com sua dissolução, a angústia sinaliza que o corpo unificado é uma construção, a qual estará, em consequência, sempre passível de ser desfeita.

Podemos observar, inclusive, que tal concepção sobre o corpo se mantém presente na apresentação que Freud nos faz sobre o conceito de ego em seu artigo de 1923, no qual afirma com todas as letras que “o ego é, primeiro e acima de tudo um ego corporal; não sendo simplesmente uma entidade de superfície, mas é, ele próprio, a projeção de uma superfície” (FREUD, 1923,p.40). Se tal afirmativa aponta para a indissociabilidade entre o eu e o corpo representado, tal fato não significa, em absoluto, uma identidade. Não é a um suposto corpo natural que Freud se refere aqui, mas àquele contornado pela pulsão e animado pelo desejo. (FREUD,1923)

Dessa forma, pela perspectiva apresentada por Freud a partir do texto do narcisismo, é no campo do sexual que eu e corpo configuram uma realidade. Porém, a angústia fala de uma outra realidade, de uma realidade que não passa por essa inscrição. O interessante é que tal sentido de angústia já estava presente na definição freudiana de neurose de angústia. Ponto sobre o qual podemos localizar a atualidade do que é apresentado em 1894, em relação ao que passa a estar associado ao tema da angústia a partir da deflexão que a obra de Freud experimenta mais propriamente a partir de 1920. No entanto, para lá chegarmos, faz-se necessária uma passagem estratégica por algumas noções metapsicológicas sobre as relações entre a angústia e o processo de recalçamento.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
laboreuerj@yahoo.com.br
www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

Sobre a angústia

Vimos acima, que uma das primeiras possibilidades encontradas por Freud para entender a angústia fora a de pensá-la como o resultado da impossibilidade de se dar conta de um excedente da excitação sexual adulta. Porém, ao se deparar com a eclosão de um estado de angústia em uma criança de cinco anos, o autor nos apresenta uma outra possibilidade de entendimento. A angústia, nesses casos, definidos como de histeria de angústia, seria etiologicamente referente ao processo de recalçamento (FREUD, 1909). Segundo o autor, uma vez que, na passagem pelo complexo edipiano, a representação erótica ou hostil tenha sofrido o processo de recalçamento, a libido dela liberada, permanecendo livre no campo psíquico, se *transforma* em angústia. (FREUD, 1915)

A angústia aparece aqui como sucedânea ao processo de recalçamento. De forma distinta ao posicionamento anterior, aqui Freud inscreve a angústia no plano psíquico. Porém, no momento de virada que localizamos na obra de Freud, há uma torção nesse pensamento. O autor nos indica, daí em diante, que a angústia, até então entendida como tendo sido produzida pelo recalque, passa a ser vista como aquilo que põe em movimento o próprio recalque (FREUD, 1926 [1925], p.131). A angústia é a *coisa primária*, diz Freud (*idem*). Neste sentido, o único reparo a fazer à definição da neurose de angústia de 1894 é a idéia de que a excitação sexual somática, ao não ser elaborada psiquicamente, é *transformada* em angústia. Se Freud conclui, posteriormente, que a angústia é a coisa primária, ela não precisa ser tomada como resultado de uma transformação. Ao contrário, ela passa a designar aquilo a partir do que o psíquico se inaugura.

Demarcando esta diferença, recolocamos a questão do além do psíquico. Em 1894, o além do psíquico estaria designado pelo sexual somático, que não se inscrevendo no psíquico, se transformaria em angústia. A partir de 1920, o que temos é o termo angústia se encadeando com uma série de outros, como por exemplo, os de desamparo e de pulsão de



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

morte, utilizados pelo autor para falar de um além do psíquico. Psíquico, que gostaríamos de deixar claro, está aqui sendo entendido como o campo delimitado pelos movimentos libidinais, pelas séries de prazer/desprazer que organizam os traços, trilhamentos, circuitos psíquicos. Trata-se aí, diferentemente de 1894, de uma conceituação psicanalítica para este *além*, o qual, bem entendido, só é pensável do interior do psíquico. É uma espécie de limite interno ao que define o psíquico, ao passo que o sexual somático de 1894 remeteria a uma realidade externa, natural, pré-determinada, que o psíquico traduziria. A conceituação posterior a 1920 não remete a um texto anterior que pode ou não ser traduzido na ordem do psíquico. Trata-se antes do psíquico concebido como a escritura primeira na qual um *além* se impõe desde seu interior, o qual passa a ser designado pelo conceito de pulsão de morte.

Através de tal operação, Freud inclui na trama conceitual que sustenta a psicanálise um elemento que aponta para o seu limite. Um limite que se estabelece, não apenas no plano de sua trama conceitual, mas que igualmente se desdobra sobre o seu fazer clínico.

De todo modo, pensando menos nas diferenças e mais nas aproximações, atentemos para o fato de que Freud, ao definir a neurose de angústia em 1894, a diferencia etiológicamente da histeria. Nesta última, o fator patogênico é psíquico, um conteúdo incompatível que mobilizou um mecanismo de defesa. Entendemos que essa diferenciação, estabelecida no campo da clínica, antecipa a direção ampliada que esta última assumirá ao final da obra de Freud. Afinal, a clínica da neurose de angústia, tal como definida por Freud, não diz respeito à problemática do recalque, em torno da qual se estabeleceria a direção da análise. Se o padecimento na neurose de angústia remete a um excedente (lá designado como o sexual somático) ao que se inscreve no psíquico, a direção do trabalho clínico diria mais respeito a dar conta deste excedente. Trabalho a encontrar na clínica, sempre renovadamente e em termos inéditos, sua possibilidade. Isto porque, se tomamos os conceitos que vimos Freud introduzir em sua obra como operadores para a clínica da psicanálise, o excedente não pode ser tomado como acidental, mas constitutivo em tal



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

campo. Dar conta dele não supõe apenas percorrer as trilhas da enervação somática a um elemento psíquico recalcado, mas encontrar a possibilidade de se fazer sujeito ali onde a angústia – a coisa primária, como nos diz Freud - fala de um desamparo incurável.

O corpo na clínica ou a clínica do corpo?

Como entendermos a clínica do sofrimento que se expressa pelo corpo, a partir de nossas considerações, se torna aqui nossa última tarefa. Para desenvolvê-la propomos a possibilidade de estabelecermos uma continuidade, descontínua é claro, na obra freudiana, que nos possibilitará irmos trançando as considerações que fizemos até aqui com as propostas clínicas alicerçadas por Freud, de forma a podermos sustentar sua especificidade.

Se tomarmos a noção de angústia, temos como fio condutor de sua conceituação a existência de uma energia livre, que impacta o psíquico, produzindo aí seus efeitos. Freud se refere a esse excesso energético em sua concepção de neurose de angústia, ou na de histeria de angústia, ou em seu posicionamento derradeiro, como *a coisa primária*. Ou seja, a angústia se refere à problemática entre o sexual, o psíquico e os limites que a eles se colocam e por onde podem ser pensados. É dessa interioridade que uma exterioridade pode ser pensada e incluída, ainda que de forma não completamente manejável, na clínica.

Sobre essa linearidade, não linear, sustentamos nossa proposta de tomarmos as indicações freudianas quanto à clínica da neurose de angústia e a da histeria, para a partir daí podermos pensar o estatuto do corpo na clínica. Assim, temos que o que é anterior ou externo ao psíquico não é o somático, entendido como fisiológico, mas algo que nos remete ao campo do desamparo, ao além do princípio do prazer, à pulsão de morte. Tal concepção torna possível pensarmos em um além que não se restringe ao sexual recalcado, demonstrando a pertinência das concepções trazidas por Freud em seu conceito de neurose de angústia, na medida em que há, nesta, a problematização de algo que não se refere exclusivamente ao conflito psíquico.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

Perspectiva que antecipa, a nosso ver, duas concepções clínicas distintas presentes na obra freudiana: uma, mais otimista, em que a solução clínica se encontra “escondida” no sexual recalçado; outra, pessimista, em que a solução não se encontra “escondida”, mas depende da possibilidade de se produzir a partir de algo que não teve lugar de inscrição no sexual, ou se preferirmos, no psíquico. Se na primeira cabe ao analista a tarefa de fazer possível, por meio da interpretação, desvelar o sentido inconsciente dos sintomas, gostaríamos de propor que, na segunda, caberia ao analista re-fundar a função de erotização da angústia.

Tal proposta nos parece contribuir para o entendimento das patologias que insistentemente introduzem um sofrimento que se expressa por meio do corpo no campo da clínica. Posto que, se por um lado a angústia nos anuncia a irreducibilidade entre o corpo e o psíquico, por outro denuncia a indissociabilidade entre ambos. Sendo assim, não poderíamos supor que para pensarmos nas possibilidades de transformação de tais padecimentos deveríamos tomar o corpo, na clínica, pelo fio da angústia?

Referências Bibliográficas

- BAUDRILLARD, Jean. *A Sociedade de consumo*. São Paulo: Martins Fontes, 1981.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- FREUD, Sigmund (1895 [1894]). Sobre os critérios para destacar da neurastenia uma síndrome particular intitulada “neurose de angústia”. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol.III*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- FREUD, Sigmund (1909). Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol.X*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
laboreuerj@yahoo.com.br
www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

FREUD, Sigmund (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol.XIV*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

FREUD, Sigmund (1915). Repressão. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol.XIV*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

FREUD, Sigmund (1920). Além do princípio do prazer. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol.XVIII*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

FREUD, Sigmund (1923). O ego e o id. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol.XIX*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

FREUD, Sigmund (1926[1925]). Inibições, sintomas e ansiedade. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud vol.XX*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

Recebido em 06/04/2011

Aceito em 06/05/2011



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br